



# BEZOAR e UNICÓRNIO

entre Mito e História, Arte e Ciência

10 de FEVEREIRO de 2012  
Museu da Farmácia em Lisboa

14.00 A. A. MARQUES DE ALMEIDA  
Especiarias e padrões de cultura  
(Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste”)

14.30 JOSÉ SÍLVIO FERNANDES  
‘Propriedades curativas e uso terapêutico da pedra bezoar e do corno de unicórnio nos *Comentários* de Amato Lusitano’  
(Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro)

15.00 JOÃO NETO  
A utilização do exótico nas antigas boticas – “Entre o Marketing profissional e a ânsia da conquista da Eternidade”  
(Director do Museu da Farmácia)

#### VISITA AO MUSEU DA FARMÁCIA

16.00 ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE  
Bezoares e unicórnios no Humanismo Português de Quinhentos: dos *Comentários* de Amato Lusitano ao *Memorial del Unicornio* de Jorge Godinho  
(Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro)

16.30 MARIA DO SAMEIRO BARROSO  
Os bezoares, tradição, herança e mito  
(Instituto de Estudos sobre o Modernismo da Universidade Nova de Lisboa)

17.00 HUGO MIGUEL CRESPO  
*Monocheros, rinocheros et bezohar*: entre a presença do ouro e a esperança da cura sobrenatural  
(Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

## ENTRADA LIVRE

### PETRA BAZAR

Haec petra, montuagi quae uentri innascitur hirci, quotquot habet Pontus tetra uenena, domat.

### VNICORNV

Vnum habet in fronte, (ut perhibent) uaga bestia cornu. Cornu, uenenum quod uenenis omnibus.

Diogo Pires, *Cato Minor*, Veneza, 1596

## RESUMOS

14:00 | A. A. MARQUES DE ALMEIDA  
(Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste”)

### Especiarias e padrões de cultura

Se há na história uma mercadoria que tenha desempenhado o papel de padrão cultural, essa mercadoria é, sem dúvida, *especiarias*. Debajo desta palavra esconde-se um mundo de negócios, de gostos, de sensibilidades, um horizonte de expectativas vivas e de frustrações também.

Qualquer coisa que desafia o mundo material dos negócios, ajudando à planetarização da economia e leva à perdição dos homens pela porta do pecado. *A granni di paradisi* criou rotas comerciais e alimentou a imagética medieval.

Logo a seguir, na Idade Moderna, trazia aos Europeus outras exigências porque os gostos e as sensibilidades alteravam-se.

Então, estamos às portas dos novos imaginários, individuais ou colectivos, onde novas mercadorias, a malagueta e a pimenta de rabo, ambas africanas, reinam em absoluto e incendeiam os prazeres. Em breve, seguir-se-iam as especiarias vindas dos confins da Ásia, da Índia e das Ilhas Malucas que abrasariam as cabeças, as mentes e as bolsas dos Europeus. Mas também mudariam para sempre os hábitos de negócios, a própria economia, a vida quotidiana. Os Europeus nunca mais foram os mesmos. O Mundo também não.

14:30 | JOSÉ SÍLVIO FERNANDES  
(Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro)

### Propriedades curativas e uso terapêutico da pedra bezoar e do corno de unicórnio nos *Comentários* de Amato Lusitano

Amato Lusitano, nos *Comentários* à obra *De materia medica* de Dioscórides, analisa também as propriedades curativas e o uso terapêutico da pedra bezoar e do corno de unicórnio, cuja eficácia é atestada, entre outras enfermidades, contra envenenamentos e em síndromes febris. O desenvolvimento sobre estes tópicos surge a propósito do uso medicinal do vergalho e do corno de veado (comentários 39 “de cervi masculi genitale” e 52 “de cornu cervi”). O discurso técnico apresentado obedece a um esquema que põe em evidência a ligação ao tema em análise, discriminando depois, em termos comparativos ou complementares, as propriedades terapêuticas, a posologia e o inevitável testemunho das fontes clássicas, com remissão, em ambos os casos, para a autoridade de Plínio-o-Velho. Completa o processo com a informação sobre o comércio e o preço das substâncias, a par da manifesta curiosidade pelos conhecimentos importados da Índia. Esta associação à tradição oriental atribui aos comentários um cunho de actualidade e de apreço pelo enorme manancial de experiências e de tradições médicas potenciado pela Expansão Portuguesa.

15:00 | JOÃO NETO  
(Director do Museu da Farmácia)

### A utilização do exótico nas antigas boticas – “Entre o Marketing profissional e a ânsia da conquista da Eternidade”

(Palestra a decorrer em simultâneo com a visita ao Museu da Farmácia.)

16:00 | ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE  
(Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro)

### Bezoares e unicórnios no Humanismo Português de Quinhentos: dos *Comentários* a Dioscórides de Amato Lusitano ao *Memorial del Unicornio* de Jorge Godinho

Pedras bezoares e chifres de unicórnio, pelas múltiplas e miraculosas propriedades que lhes foram atribuídas desde tempos recuados, granjearam uma fama e um interesse, a todos os títulos extraordinários, sobretudo a partir do século XVI, de tal sorte que muitas foram as obras dedicadas especificamente ao tratamento do assunto. Amato Lusitano é um autor pioneiro neste movimento, porquanto aquilo que escreveu sobre estas substâncias nos seus *Comentários* a Dioscórides (Veneza, 1553) marcou um notável recrudescimento do interesse por estas matérias valiosíssimas em toda a Europa. Alguns anos mais tarde, na década de 70, o médico Jorge Godinho escrevia um pequeno *Memorial del Unicornio* a pedido expresso de Juan de Borja y de Castro, embaixador de Filipe II, rei de Espanha, junto de D. Sebastião, que pretendia averiguar quais eram as suas propriedades curativas.

A partir das referências de Amato Lusitano e de Jorge Godinho, sem excluir o recurso a outras fontes, procurar-se-á definir e comprovar o papel decisivo que os médicos portugueses desempenharam na divulgação, comercialização e aplicação terapêutica de bezoares e unicórnios, no quadro do contributo decisivo dado pelo Humanismo Português de Quinhentos para a revolução cultural e científica que abriu as portas da Modernidade.

16:30 | MARIA DO SAMEIRO BARROSO  
(Instituto de Estudos sobre o Modernismo da Universidade Nova de Lisboa)

### Os bezoares, tradição, herança e mito

Os bezoares são um produto da reacção do organismo humano ou de animais a material não digerido. A sua acção com fins terapêuticos remonta a tempos milenares, na medicina hindu, tendo sido introduzidos na Europa pelos médicos árabes, no século XII, inserindo-se na tradição dos anti-venenos (antídotos), muito apreciados na medicina greco-romana, na linha de produtos como o unicórnio, o ouro, o pó de pedras preciosas, a argila, o mitridático e a teriaga. Eram-lhe atribuídos também efeitos regeneradores e apotropaicos, sendo utilizados como tónicos revigorantes e usados como amuletos e talismãs.

No século XVI, começaram a ser importados para a Europa pelos Portugueses. Amato Lusitano e Garcia de Orta introduziram o uso dos bezoares orientais na literatura médica europeia. Os bezoares, raros e valiosos, eram incorporados em peças de joalheria. Sendo acessíveis apenas a nobres, monarcas e banqueiros, as falsificações abundavam.

O século XVIII marca o seu declínio e o século XIX o abandono completo do seu uso.

Os bezoares continua a ser vendidos e os mercados asiáticos actuais, fazem da farmacopeia tradicional chinesa e indiana. Investigações para testar a sua eficácia foram realizadas, desde o século XVI, com resultados contraditórios. Estas experiências remontam ao próprio Mitridates Eupator, rei do Ponto (120-63 a. C.), que testou a eficácia dos componentes do seu mitridático. Embora tenham sido utilizados como panaceia universal, investigações recentes têm vindo a esclarecer a sua eficácia como antídotos, constituindo um capítulo importante na área da toxicologia.

17:00 | HUGO MIGUEL CRESPO  
(Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

### *Monocheros, rinocheros et bezohar*: entre a presença do ouro e a esperança da cura sobrenatural

Matérias de alto valor financeiro e extraordinária raridade, chifres de unicórnio (presas de narval) ou de rinoceronte, a par das famosas pedras de bezoar, foram muito valorizadas durante todo o Renascimento também pelas propriedades mágico-curativas que por então se lhes atribuía. Entendidas como repositório de particular e benéfico influxo divino foram neste período utilizadas em objectos de grande valor simbólico e montadas ou encastoadas em metais preciosos ou ouro e decorados com ricas gemas, constituindo-se como peças de excepção, expressão de *exotica*, em colecções artísticas principescas ou *kunst* e *wunderkammern*, dando alimento tanto a interesses estéticos como a curiosidade científica e uso medicinal e apotropaico. Através do estudo de exemplares remanescentes de tais recolhas renascentistas, a par de várias referências literárias e documentais, procura-se analisar os valores - simbólico, emblemático, medicinal, estético e venal - de que tais objectos eram investidos ao tempo de Amato Lusitano.

O Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, em parceria com a Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste” e com o Museu da Farmácia, uniram esforços com o objectivo de proporcionar uma reflexão alargada sobre duas matérias – bezoar e unicórnio –, que ao longo dos séculos exerceram sobre o Homem um intenso fascínio.

A ideia de organizar este seminário sobre bezoares e unicórnio surgiu no decurso da execução do projecto de investigação “Dioscórides e o Humanismo Português: os *Comentários* de Amato Lusitano”, cujo principal objectivo é a edição e tradução para português dos dois livros que o médico albacastrense dedicou ao comentário do tratado grego *De materia medica* de Dioscórides, ou seja, o *Index Dioscoridis* (Antuérpia, 1536) e as *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque... enarrationes* (Veneza, 1553). Amato Lusitano aborda, com algum pormenor, as propriedades da pedra bezoar e do chifre de unicórnio (quer seja proveniente a presa de narval ou a de outros animais). Este testemunho matricial constitui-se, assim, no ponto de partida de uma ampla e fecunda exploração do tema, na qual confluem vários saberes complementares (Arte, Farmácia, Filologia, História, Literatura e Medicina).

Organização no âmbito do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os *Comentários* de Amato Lusitano”, do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (Investigador Responsável: António Manuel Lopes Andrade), financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCOMP-01-0124-FEDER-009102).

Comissão Científica e Organizadora

A.A. Marques de Almeida (CESAB – UL)  
João Neto (Museu da Farmácia)  
António Manuel Lopes Andrade (CLC – UA)

## Organização:



## Apoios

